

“DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM OU DIFICULDADE DE ENSINAGEM?”: A REINVENÇÃO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA PELAS TECITURAS MICROPOLÍTICAS DO COTIDIANO

Matheus Modesto de Azevedo

Professor do Ensino Fundamental I - Secretaria Municipal de Educação de Miracema RJ
matheusmodestodeazevedo@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho teve como ponto de partida a análise do papel docente frente à diversidade na sala de aula em uma situação de enfrentamento com uma criança com dificuldade de aprendizado proeminente. Dessa forma, este estudo estruturou como um Estudo de Caso, afim de nas tecituras diárias do ambiente escolar e a complexa relação com uma criança com dificuldade de aprendizado possibilitar a reinvenção de uma escola, que enxerga nas micropolíticas do cotidiano a fonte para sua efetivação. Esse trabalho trouxe consigo uma grande reflexão a partir da relação aluno-aprendizagem, bem como as urgentes e necessárias transformações didático-metodológicas lineares que demarcam obsolescência. DELEUZE; GUATTARI (2012), GOODE E HATT (1973), MOYSÉS E COLLARES (2011), foram autores e teóricos que na interpretação da realidade pesquisada trouxeram inúmeras contribuições.

Palavras-chaves: dificuldade de aprendizagem, escola, micropolíticas

Introdução

Inúmeras produções científicas demonstram um vertiginoso aumento de queixas e encaminhamentos escolares de crianças para núcleos de atendimento especializado, que trazem como suposta justificativa para essas implicações a dificuldade de aprendizado. (BRENELLI, 2014). Todavia, existem estudos que argumentam que uma parcela substancial desses encaminhamentos não caracterizam nenhum distúrbio de aprendizagem. (Tiosso, 1989; Corsini, 1998)

Esse trabalho pretende analisar aquilo que temos chamado dificuldade de aprendizagem frente a diversidade da sala de aula regular do ensino público e a responsabilidade docente como mediadora das relações que se estabelecem a partir dessas questões.

Crianças que não aprendem na escola comumente tem recebido diversos rótulos, que possuem como um selo a possibilidade de darem a elas uma certificação de portadores de transtornos e distúrbios, nesse sentido procuramos analisar a questão do estigma, enquanto uma marca sobre o sujeito que o reduz sem antes explorar suas inúmeras potencialidades. Enxerga-se a

doença, sob a ótica de aplicar no outro um lugar fissurado em reduzi-lo. A frequente transformação de características individuais sejam elas de aprender, sentir ou ser sob égide da normatividade constitui a instituição de estigmas, um marca ou um atributo que sela o outro como diferente.

“Tudo é político, mas toda a política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.99). As políticas em nível macro caracterizam uma necessidade própria de cada espaço e suas demandas, sobretudo de forma positivada, afim de assegurar implicações necessárias na construção de ideias. Esse ensaio, assegura-se nas micropolíticas que tecem o cotidiano, de modo que seja uma extensão possível daquilo que tem sido impossibilidade. A escola reinventada pelas micropolíticas constituem potentes instrumentos de produção de vida e conhecimento. Diferente das macropolíticas, as micropolíticas são dotadas de proximidade, sendo possível com agilidade, facilidade e efetividade lograr resultados positivos distante de implicações mais burocráticas. Enxergamos então, nas micropolíticas uma forma de reinventar a escola que entrelaçada a inúmeras perspectivas tradicionais de ensino, a capacidade de construir vias que assegurem o fundamento educacional: A socialização dos conhecimentos construídos pelo homem no decorrer da história da humanidade.

Metodologia

A pesquisa inserida numa proposta qualitativa, adjetivou-se em sua forma como um Estudo de Caso, que de modo geral, conceitua-se como um estudo mais profundo de um objeto e, que permite de forma ampla e detalhada o conhecimento acerca do fenômeno a ser explorado, sendo uma atividade difícil e impossível, se calcado em outros métodos de investigação, como afirmam Goode e Hatt (1973). Os atores supracitados destacam o caráter do Estudo de Caso como um meio de dispor dados e organizar informações, em números e detalhes tanto possível, por isso o estudo de capaz é capaz de guardar seu caráter unitário.

O desenvolvimento desse trabalho deu-se numa escola pública de ensino regular, de uma cidade no interior do Estado do Rio de Janeiro, tendo Maiara (nome fictício) como a criança que é o foco de nossos estudos. Maiara tinha 6 anos e estava no 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental (1º segmento), dessa forma, essa criança estava no início de seu processo de alfabetização.

Resultados e Discussões

No início do processo de escolarização no ensino fundamental, Maiara apresentou uma enorme introspecção, e posteriormente uma proeminente dificuldade na realização de tarefas simples. Reconhecia as vogais e algumas consoantes. Ao final do ano letivo de 2015, Maiara não reconhecia números/quantidades, bem como todas as letras do alfabeto (principalmente as consoantes), apesar de conseguir escrever por completo seu nome, se encontrava na fase pré-silábico de acordo com a concepção de Ferreiro e Teberosky (1985).

No ano seguinte, considerando essas situações, construímos um repertório diferenciado de vivências que propiciasse a aprendizagem daquele sujeito que chegara ao final do 1º do ensino fundamental sem beneficiar-se das inúmeras possibilidades de leitura e escrita, como aquisição fundamental para as demais habilidades subsequentes. No estabelecimento de comunicação com a família tivemos a oportunidade construir alguns rótulos e adjetivos que Fátima possuía. Fátima possuía uma família desestruturada, de condições financeiras bem comprometida, pai em situação de encarceramento e mãe desempregada. As inúmeras infecções que Maiara teve foram capazes de prejudicar seu aparelho auditivo. Inicialmente, o professor da turma elaborou um currículo adaptado, com diversas propostas alfabéticas atrelada a uma metodologia fônica, que rapidamente gerou resultados positivos, trabalhava com a aluna muito próxima de si, sempre intervindo em suas dificuldades e reforçando seus avanços.

A enorme dificuldade de aprender de Maiara, é uma partícula dos desafios que docentes precisam saber gerir em sala de aula. Há problemas que se escondem mais em metodologias e didáticas do que no educando. A família e a criança sofreram transformações durante a história, e a escola?

As queixas escolares e conseqüente encaminhamentos para o campo da saúde tem crescido, bem como laudos e diagnósticos. O perigo se encontra nos processos medicalizantes da aprendizagem e do comportamento. Tachar uma criança com um rótulo porque ela não consegue aprender ou se manter quieta e contida em sua carteira é criminalizar e reduzir a própria vida humana, numa tentativa de desresponsabilização de implicações maiores que são “jogadas para debaixo do tapete”.

O enfrentamento em sala de aula de relações similares a que este trabalho empenha descrever sob a ótica micropolítica daquilo que o ambiente escolar demanda, não assumem caráter efetivo e mesmo instrucional, se assim o fosse operaria com os mesmos artifícios da escola que nega o direito a diversidade e a escolarização dos seus sujeitos, tendo como finalidade o processo perverso de exclusão e fracasso escolares. As micropolíticas são um permanente lugar de estudo,

transformações e desconstrução, que enxerga nas tecituras do cotidiano espaços em que a vida produz esperança. Nesse sentido, as micropolíticas são: “...microgestos, micropercepções, de uma relação mais afectiva.” (SCHNEIDER, 2014 p.37)

Conclusões

Entendemos que há maneiras diversas pelas quais as pessoas fazem a construção da aprendizagem e lidam com a linguagem escrita, maneiras que fogem a nosso julgamento quanto sua existência, uns aprendem com enorme facilidade, outros com certa dificuldade, e a maioria em um continuum entre esses extremos, conforme salientam Moysés e Collares (2011). E ainda continuam: existem diversas formas e modos das pessoas agirem, sentirem, se emocionarem, afetarem e também o serem. Um refletem sentimentos e comportamentos extremos, e grande parte se situam num continuum que vai de um extremo a outro. As autoras questionam se tais características se situam no plano da diversidade humana ou em no plano de patologias, e ainda indagam acerca das ditas evidências científicas que indicam para doenças de comportamento ou aprendizagem.

Referências

BRENELLI, Rosely. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor**. UNICAMP: Campinas, 2004. GOODE, W.; HATT, P. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, SP: Nacional, 1973.

CORSINI, C. F. (1998). **Dificuldade de aprendizagem: representações sociais de professores e alunos**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Puccamp.

SCHNEIDER, D.C . **Micropolítica e pedagogia menor: desdobramentos conceituais para se pensar a educação pelas vias da experimentação**. Travessias (UNIOESTE. Online) , v. 08, p. 28-41, 2014.

FERREIRO, Emilia; **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GOODE, W., & HATT, P. (1973). **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, SP: Nacional.

MOYSÉS, M. A. A. & COLLARES, C. A. L.. **O lado escuro da Dislexia e do TDAH**. In: FACCI, M. G. D.; MEIRA, M. E. M.; TULESKI, S. C. (orgs.) **A exclusão dos incluídos: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos**. Maringá/PR: EDUEM, 2011.

TIOSSO, L. H. **Dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita: uma visão multidisciplinar**. Tese de Doutorado. IP: São Paulo, 1989.